



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RUTH EUGÊNIA CIDADE

(depoimento)

2012

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-230

Entrevistado: Ruth Eugênia Cidade

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Escola de Educação Física - UFRGS

Entrevistadora: Luciane Silveira Soares

Data da entrevista: 20/04/2012

Transcrição: Diego Simon Prates

Copidesque e Pesquisa: : Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: não informado

Páginas Digitadas: 7

Observações: Entrevista realizada para a o projeto *Memória do Programa Segundo Tempo*, desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

SUMÁRIO

Envolvimento da entrevistada com o Programa Segundo Tempo; Temática de deficiência e gênero; Atuação como capacitadora; Coordenação de Equipe Colaboradora; Proposta pedagógica do Programa Segundo Tempo; Questões administrativas; Funcionamento das Equipes Colaboradoras; Desafios e limites do Programa Segundo Tempo; Política pública e inclusão social; Preservação da memória do Programa Segundo Tempo.

Porto Alegre, 20 de abril de 2012. Entrevista com Ruth Eugênia Cidade cargo da pesquisadora Luciane Silveira Soares para o Projeto Garimpando Memórias – Memórias do Programa Segundo Tempo do Centro de Memória do Esporte.

L.S. - Então, Ruth, como tu conheceste o Programa Segundo Tempo?

R.C. - Eu conheci o Programa Segundo Tempo em 2007 quando fui convidada para escrever o texto sobre deficiência e gênero¹. Na época os dois temas estavam juntos, eram tratados no mesmo lugar, no mesmo texto. Naquele momento, a questão de gênero estava muito mais afeita à participação de meninas, então, como o Programa Segundo Tempo tem uma pequena participação de meninas em relação aos meninos, havia essa preocupação. Era o que eu vinha fazendo, era uma parte do meu doutorado que eu fiz com mulheres com mulheres com deficiência e, por isso, estudei sobre participação de meninas e mulheres no esporte. Por isso que eu escrevi esse primeiro texto do caderno lá em 2007, que a preocupação era muito mais em relação às questões da participação de meninas e a baixa participação de meninas no Programa: 30% que ainda é.

Então, aproveitando que eu tinha e tenho essas duas formações, escrevi naquele momento, o texto junto com a outra professora. Então conheci assim: primeiro escrevendo o texto e, depois, nós tivemos mais umas reuniões sobre a capacitação e também comecei a trabalhar na capacitação em 2008... Fizemos a capacitação e, naquele momento, eram grupos que se deslocavam e nós fazíamos a capacitação no Brasil inteiro e eu tratava sempre dos dois temas. Depois de 2008 teve a formação em Agosto das Equipes Colaboradoras e eu fui convidada para coordenar a Equipe 17 que cuida de Santa Catarina e parte do Paraná, aquilo que está próximo de Curitiba. Então essa é a minha competência ali, a nossa obrigação, digamos a nossa responsabilidade de cuidar dessas áreas.

E depois disso, houve uma solicitação de que houvesse um desmembramento para a gente avançar nos temas, então, os temas se separaram. Hoje os temas são tratados separados, questões de gêneros tratados em separados das questões da deficiência, porque nós tivemos que aprofundar, tivemos que avançar, aí nesse momento foi chamada a professora Silvana², por causa dos estudos dela serem nesta área e eu fiquei tratando, junto

¹ Referência ao texto “Inclusão, gênero e deficiência” escrito em co-autoria com Rosângela Marques Busto. Publicado no livro “Fundamentos Pedagógicos para o Programa Segundo Tempo – 1º Ciclo Nacional de Capacitação Para os Coordenadores de Núcleo”, em 2008.

² Silvana Vilodre Goellner, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

com outros professores, da questão de deficiência. Foi assim, mais ou menos, o meu percurso.

L.S. - E qual tua função hoje, dentro do Programa?

R.C. - Hoje eu coordeno a Equipe Colaboradora 17, ainda coordeno o [PALAVRA INAUDÍVEL] e sou consultora para questões de deficiência. Tive participação também no Recreio nas Férias³, que em três edições, foi trabalhado texto como um alerta de como deveriam ser trabalhadas as questões de deficiência dentro desse projeto, o Recreio. Então hoje eu faço a parte de... Sou consultora, onde a gente tem que escrever os textos, consultadas sobre algumas situações em relação ao tema e coordeno a Equipe Colaboradora 17.

L.S. - E tu tens o conhecimento de como começou o Programa Segundo Tempo? Esse dado histórico e como ele foi se desdobrando até aqui? Teve acesso a esse histórico do Programa desde o início, a forma como ele está estruturado hoje, que é um pouco diferente de quando tu iniciaste. O que tu tens a falar sobre essa estruturação atual, em comparação aquela anterior?

R.C. - Quando eu fui convidada justamente havia uma preocupação de qualificar o Programa, tratar o Programa de uma outra forma, que estava muito solto. Ele tem uma história que começou em 2003, teve vários nomes, então, em 2007, com a entrada de algumas pessoas convidadas, como o caso do professor Amauri⁴, então, começou outra estrutura do Programa onde há duas frentes de trabalhos, vamos dizer assim, a pedagógica e a administrativa. Na questão pedagógica houve a preocupação de qualificar, de escrever os textos, de fazer a capacitação das pessoas, de garantir que os participantes, coordenadores de núcleos fossem formados em Educação Física, que os monitores fossem da Educação Física, que isso seja predominante dentro do Programa. Houve uma preocupação e há uma preocupação com os textos, as formas de os aplicar, há uma vigilância, uma preocupação de que isso seja garantido, que isso aconteça no Programa.

³ Projeto integrante do Programa Segundo Tempo que tem como finalidade oferecer às crianças e adolescentes do programa, no período de férias escolares, opções de lazer por meio do desenvolvimento de atividades lúdicas, esportivas, culturais, sociais e turísticas.

⁴ Amauri Bássoli de Oliveira, Coordenador Pedagógicos do Programa Segundo Tempo.

A questão administrativa, creio que foi a que mais avançou, em termos da criação do sistema de gerenciamento, de acompanhamento e a criação das Equipes Colaboradoras para acompanhar os coordenadores, acompanhar os convênios, acompanhar os coordenadores, dar suporte, então é o avanço maior, na minha opinião. Hoje, digamos, aquilo que está mais estruturado seria a parte administrativa, ela está realmente mais estruturada. A questão pedagógica depende muito mais das pessoas, das mudanças de mentalidade, de uma mudança de atitude, das pessoas... Depende dos coordenadores de núcleo se apropriarem da metodologia e aplicarem. Então, isso ainda a gente não consegue ver com um todo. A gente vê, em algumas situações, que melhorou muito; a gente vê que os coordenadores estão aplicando a metodologia, mas ainda não é um todo, não são todos que fazem.

Já a questão administrativa ela tem os encaminhamentos e os procedimentos foram apurados, a questão da apresentação dos relatórios, o próprio acompanhamento desses relatórios, o levantamento de dados, o tratamento dos dados, tudo isso melhorou muito, realmente foi um grande avanço. É bem diferente de quando a gente começou e tudo isso foi construído no percurso, está sendo construindo ainda. À medida que a gente vai vivenciando, a gente vai experimentando as situações, vai dando retorno, vai discutindo, conversando e isso vai se alterando para melhorar o Programa.

L.S. - E tu fizeste alguma capacitação, tu fizeste a formação? Tu participaste de alguma capacitação?

R.C. - Para eu participar, não, porque...

L.S. - Como formação, tua formação. Tu chegaste a participar de algumas das capacitações ou não? Tu chegaste como capacitadora?

R.C. - Não, já cheguei como capacitadora, mas uma capacitação, uma formação que eu fiz foi uma experiência de visita e de acompanhamento para eu aprender como fazer a visita, para entender como que era. Eu fui convidada para fazer uma visita que, na verdade, naquele momento, era uma vistoria. Havia uma outra situação, não é uma visita pedagógica, era uma visita mesmo para saber se naquele lugar o convênio estava ou não funcionando e eu fui convidada para acompanhar, então, foi ali que eu aprendi como é que

se fazia a visita, o que era um núcleo, como é que era a questão do lanche das crianças, da metodologia, se havia ou se não havia, as pessoas estavam se organizando dentro do convênio, então eu fiz isso. Eu participei de muitas capacitações, assistia todas elas do começo ao fim porque, no início, nós tínhamos que acompanhar e ficar em todas as capacitações, em todas as aulas, para podermos auxiliar, interferir. Nós dávamos muitas orientações, tínhamos que estar todos juntos.

As equipes de capacitação funcionavam com sete, oito professores que viajavam juntos, faziam a capacitação juntos e a gente ficava junto o tempo todo, isso foi em 2008. Então era completamente diferente, porque hoje a gente faz através de vídeo aula, então vai um professor ou dois e a gente apresenta o vídeo e depois discute. Hoje é completamente diferente, é mais econômico: a capacitação era em quatro dias, hoje a gente faz em dois dias e é mais viável dessa forma... Mas naquele momento a gente tinha que assistir, então, eu posso dizer que eu fiz a capacitação muitas vezes, porque a gente tinha que assistir todas as aulas de todos os professores porque tinha que estar inteirado de todos os temas, porque também nós viajávamos bastante... Naquele momento era feita dessa forma.

L.S. - E o que tu destacarias como pontos positivos do programa? Já que tu acompanhaste uma boa parte dessa estruturação do programa, o que tu destacarias como positivo?

R.C. - A qualificação do programa, é positivo. A criação das diretrizes de uma única forma de fazer, que, claro, depois as pessoas adaptam conforme as situações; mas a diretriz é única, isso que é o positivo. Quer dizer, se você vai em um núcleo hoje, no interior do Rio Grande do Sul e vai em um núcleo no interior do Ceará, você vai encontrar uma mesma diretriz. Há modalidades diferentes, há maneiras de trabalhar diferentes, mas é uma única diretriz, eu penso que esse é o grande avanço, a grande contribuição, é o positivo a qualificar o programa. O acompanhamento pedagógico, os professores das universidades estarem próximos à regionalização... a Equipe Colaboradora trouxe isso: o acompanhamento pedagógico, a qualificação dos profissionais através das capacitações pois os profissionais têm oportunidade de se atualizar, de encontrarem outras possibilidades, porque nós temos diferentes formações dentro da Educação Física. Então também essa possibilidade de atualização de conhecimento, eu vejo tudo que está acontecendo como positivo. O acompanhamento pedagógico, o desenvolvimento do sistema que é muito interessante. Hoje quando a pessoa entra para a Equipe de Avaliação,

para a Equipe Colaboradora, ela já encontra um sistema, um procedimento, um trâmite que para a gente que começou viu tudo isso sendo construído... E algumas situações que a gente discutia muito, problemas que são resolvidos, os coordenadores de núcleo se sentem... os coordenadores de núcleo relatam que eles se sentem amparados, eles sentem que há direção, que há seriedade, que há qualificação. As crianças também tendem a ser bem atendidas, a gente luta para isso: que elas sejam bem atendidas nas suas dificuldades, nas suas possibilidades, nas suas situações que são muito diferentes, então, há muitos pontos positivos e eu destacaria a qualificação.

L.S. - E o que tu ainda vês como limites do Programa?

R.C. - Limitações?

L.S. - É, o que ele ainda está limitado?

R.C. - Penso que ele ainda está limitado no número de atendimento. A gente atende uma parcela muito pequena, então, nós precisamos crescer, precisamos atender mais crianças, e para isso a gente precisa de mais gente envolvida; precisamos de uma rede maior, então essa é a limitação, a limitação ainda está no investimento para que mais pessoas sejam qualificadas, mais profissionais sejam qualificados e se abra mais projetos, mais programas, mais convênios, mais crianças sejam atendidas.

L.S. - E qual é o papel do Programa Segundo Tempo na questão da inclusão social, tu achas que o Programa está realmente contemplando a inclusão, que é a proposta; que ele está efetivamente incluindo?

R.C. - A inclusão a gente entende para todos, se a gente for pensar assim, não está contemplando, porque não há... E isso também sempre vai ser mais difícil, você não tem sempre 100% do atendimento. Mas naquilo que o Programa se propõe, com as pessoas que se propõem, naquilo que elas participam sim, ele é inclusivo. Ele é 100% inclusivo porque ele não restringe, não deve restringir. Quando a gente encontra uma restrição, a gente deve realmente orientar as pessoas, então ele é 100%, todas as crianças e adolescentes que quiserem participar, elas podem participar. Quando a gente fala de inclusão, não estamos

só falando de pessoas com deficiência; nós estamos falando de pessoas que tem menos habilidades, de crianças que são obesas, de que crianças que estejam [PALAVRA INAUDÍVEL], de meninas que nós temos só 30% de meninas participando... Onde é que elas estão? Porque elas não vem? Há muitas coisas que nós precisamos pesquisar, há muito que a gente precisa convidar, nós precisamos entender porque elas não estão... Sempre a resposta mais comum é: “Ah, elas estão em casa cozinhando”. Nem sempre elas estão em casa, muitas vezes elas estão fora de casa em situação de risco: na prostituição, no trabalho infantil e há outras situações que não as de dentro de casa. Esse é um desafio, trazer as meninas para o Programa é um desafio, ter mais meninas participando pois elas tem o direito. Então elas não estão porque não querem ou porque são impedidas de alguma forma. O Programa é inclusivo, ele tem esse objetivo, ele tem os seus princípios inclusivos e alcança aqueles que estão participando, sim. Entendo que sim, mas ainda há muito que fazer para a gente poder ter todas essas situações, essas pessoas, essas crianças e adolescentes participando.

L.S. - E de um modo geral tu achas que o Programa Segundo Tempo atende aos objetivos que ele se propõe? De um modo geral, uma avaliação global.

R.C. - Sim, ele atinge os objetivos, sim. De uma forma geral, sim. Agora quando você pensa que tem mais de quarenta milhões de crianças e que só se atende um milhão e meio de crianças, vamos dizer que sejam esses os números, há muito que fazer. Ou seja, se faz quase nada em termos da grandiosidade, mas também ele teve um crescimento fantástico para esse tempo de existência, desde que ele foi sistematizado, qualificado, tudo mais. Se houver investimento, a gente pode... Tem que ter uma base também para crescer, o sistema tem que comportar, nós temos que ter mais profissionais qualificados, nós temos que ter mais gente nas equipes, se a gente aumentar o número de convênios. O número de convênios, acredito eu, está limitado à verba, ao investimento, se não tem mais dinheiro, não pode ter mais convênios, então, teria que fazer isso. Eu vejo que há possibilidade de crescimento, sim.

L.S. - E agora para finalizar, eu queria que tu falasses um pouco da preservação da memória do Programa Segundo Tempo que, enfim, é o projeto que a gente se propõe a fazer. Que importância que tu dá a isso ou não.

R.C. - É importante, eu acho a iniciativa fantástica, muito importante, porque a gente precisa realmente preservar, contar essa história para as pessoas que venham depois entendam como é que tudo isso foi construído, como é que isso tudo tem sido tratado, trabalhado, sobre as pessoas que começaram que hoje não estão mais e aquelas que continuam, porque que continuam, enfim, é a história e a memória que tem que ser colhida, olhada, preservada, principalmente divulgada, para que as pessoas conheçam. Muitas vezes a pessoa entra agora ou olha e acha que é tudo assim fácil, o sistema já nasceu assim, a Equipe Colaboradora já estava lá, as pessoas não tem ideia muitas vezes de tudo ou de tantas lutas ou tantas conversas ou tantas reuniões, tantos escritos, para poder chegar nesse formato que ainda está em construção, ainda está sendo realizado.

L.S. - Então Ruth eu te agradeço, se tu quiseres falar mais alguma coisa sobre a tua equipe, fica à vontade.

R.C. - Não, acho que eu não vou falar sobre a equipe mas sobre o programa. A história é dinâmica mesmo e realmente precisa desse cuidado, desse tratamento. Há fotos, há falas, há situações que precisam ficar cristalizadas, vamos dizer assim, preservadas, para que as pessoas entendam sobre como é que tudo isso vem acontecendo. A única coisa que eu posso finalizar é dizendo parabéns pela iniciativa, entendeu, bom trabalho, e que a gente continue assim, cuidando da memória, que isso é uma atitude não comum e que deveria ser.

L.S. - Obrigada.

R.C. - Eu que agradeço.

[FINAL DO DEPOIMENTO]